

25 JAN 1992

Rogério Duarte é o novo diretor do MAB

Ele é um designer multimídia e quer fazer do MAB um museu vivo, que não funcione apenas como uma galeria

SEVERINO FRANCISCO

As primeiras transformações em postos estratégicos do circuito das instituições culturais de Brasília começam a ser efetivadas pelo trissecréterio (de Cultura, Esportes e Comunicação) Fernando Lemos. O designer multimídia baiano Rogério Duarte acaba de ser nomeado o novo diretor do Museu de Artes de Brasília. Em primeiro lugar, ele não gostaria de ser recebido como um alienígena, pois morou na cidade durante quinze meses na década de 80 e viveu intensamente a utopia da construção de Brasília: "Eu sou baiano, mas não venho aqui como baiano. Sou morador espiritual de Brasília com direito a cidadania intelectual, pois esta cidade sintetiza idéias de modernidade universais e até cósmicas. Em Brasília, qualquer provincialismo não faz o menor sentido".

E os planos para o Museu de Artes de Brasília? Rogério afirma que seria pretensioso aterrissar em Brasília com um pacote de idéias embalado no braço. Em primeiro lugar, ele pretende conversar com todas as pessoas da chamada comunidade artística: "A minha visão de arte não é de confinamento. Eu sou designer, artista plástico, artista gráfico, músico e escrevo. A minha tendência é para uma abordagem interdisciplinar. Mas eu não vou ditar regras apriorísticas para uma cidade que, com todos os problemas, tem uma vida cultural. Em primeiro lugar, vamos nos debruçar nesta vida cultural com um amor total. Em razão da minha própria formação eu tenho uma certa capacidade polimorfa de trabalhar em muitas áreas ao mesmo tempo. Eu trabalhei em projetos com Lina Bo Bardi, fui professor do Museu de Arte Moderna, sempre estive ligado ao experimentalismo. Para mim, esta cidade não é apenas Brasília. É a capital do País. Então eu acho muito interessante chegar a um lugar onde não estou mais reduzido a uma visão provinciana, unilateral".

Rogério se considera menos um crítico do que um artífice da arte, dotado de caráter pragmático. Em linhas gerais, ele idealiza a transformação do MAB em um museu vivo, que funcione não apenas como galeria, mas também como um centro de oficinas de criação, ateliers de experimentação, vida social e humana: "Eu acho que esta é uma chance de ressuscitar no sentido de suscitar de novo pessoas de grande



Carlos Avelin

O baiano Rogério: Brasília como capital de todos os brasileiros

valor que ficaram marginalizadas em Brasília" —, comenta Rogério.

Xadrez — E, paralelamente à sua atuação no âmbito institucional do MAB, Rogério traz a Brasília uma série de projetos pessoais: "São projetos de minha autoria, mas que eu gostaria que fossem utilizados como instrumentos de trabalho da cultura e não como algo pessoal". O primeiro é um projeto-piloto para o Ensino Comunitário de Xadrez nos Parques, Superquadras e Associações Públicas do Distrito Federal, que já está sendo articulado pela Secretaria de Cultura,

Esporte e Comunicação do GDF, pela Universidade de Brasília e pela Unesco, entre outras instituições.

Rogério recorre a sua experiência de designer, artista gráfico e artista plástico, com o objetivo de simplificar o jogo de xadrez, utilizando materiais mais baratos e "traduzindo" as peças em letras: "Eu queria desmistificar essa idéia de jogo de xadrez como algo restrito a gênios aristocratas. O jogo de xadrez é muito complicado. Mas com as transformações que introduzi qualquer um aprende facilmente". O público-alvo prioritário do

projeto seriam as crianças de baixa renda.

E por que o xadrez, qual o significado cultural de um projeto sobre o jogo de xadrez? Rogério lembra pesquisas realizadas tanto em países desenvolvidos quanto em países de terceiro mundo, argumentando que a atividade enxadrística favorece o desenvolvimento mental das crianças, além de lhes impor uma disciplina atrativa e agradável, aumentando suas capacidades de cálculo, de raciocínio e também de concentração: "Comecei a estudar o xadrez aos 50 anos de idade. O xadrez salvou a minha vida. Percebi que o que eu pensava que era certo não passava de um falso ego. O xadrez é um jogo do pensamento".

Projetos — Musicor é um outro projeto que Rogério desenvolveu na Bahia, na tentativa de utilizar a comunicação visual moderna como meio para a aprendizagem da música, criando um sistema de notação cromática tanto para a música erudita quanto

para a música popular ou para a música cantada: "Não é algo original, eu desenvolvi outras idéias. Aqui em Brasília, o maestro Jorge Antunes trabalhou com as relações entre as cores e a música". Uma terceira vertente de projetos é constituída por construções em forma de naves ou poliedros espaciais: "Elas podem ter múltiplas formas de uso. O importante é a visão espacial". E, finalmente, Rogério pretende publicar a sua produção clandestina de poesia.

Rogério percebe este momento da cultura no País como uma fase

de concreção de propostas intuídas e de reconciliação de contrários que se acreditavam irreconciliáveis: "As vanguardas estabeleceram, infantilmente, uma relação de exclusão com o passado. O crítico Max Bense mostrou em um livro, *A Intelectualidade Brasileira*, que a criatividade brasileira tem a sua especificidade. Não acredito nesta história de chegar ao Primeiro Mundo. O Primeiro Mundo já está soçobrando por aí. O Primeiro Mundo só existe através de uma rapina internacional".

História para fazer o futuro

Rogério Duarte despontou na Bahia dos anos 50/60 com a chamada Geração Jogalessa (nome de um projeto de encenação de poemas) que reunia Glauber Rocha, Florisvaldo Matos, Calazans Neto, entre outros. Através de uma bolsa, se transferiu para o Rio de Janeiro, para estudar artes. No Rio desenvolveu intensa atividade política. Foi coordenador de artes plásticas do CPC da UNE: "Fui eu quem fiz aquela marca da UNE — conta Rogério". Criou cartazes para vários filmes: Deus e o Diabo na Terra do Sol, A Idade da Terra, ambos de Glauber Rocha, Cara a Cara, de Bressane A Grande Cidade, Cacá Diegues, entre outros.

Atuou como professor no Museu de Arte Moderna, se ligou aos movimentos de vanguarda e estabeleceu uma ponte entre estes e os baianos Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, que alimentaria a Tropicália: "Com o AI-5, Torquato Neto se suicidou, Caetano se exilou, e Rogério mergulhou em uma busca mística". "Hay que viver". De volta à Bahia não deixou de se sentir um pouco exilado: "A Bahia tem um compromisso com o passado e o meu compromisso é com o futuro. Por isto eu escolhi Brasília".